



# Biograph



---

## **DOCUMENTAÇÃO NARRATIVA: POTENCIALIDADES TEÓRICO-METODOLÓGICAS EM INVESTIGAÇÃO SOBRE PRÁTICA EDUCATIVA E DIFERENÇAS CULTURAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Maria Helena da Silva Reis Santos/UNEB  
nenavidars@hotmail.com

### **INTRODUÇÃO**

O texto toma a documentação narrativa como importante fonte de coleta de informações da pesquisa (auto)biográfica, pois a compreende como um potencial dispositivo metodológico na investigação de docentes, por envolver a produção participativa de saber pedagógico, a formação social, coletiva, dos docentes participantes e sua intervenção discursiva no debate público e especializado sobre educação (SUÁREZ, 2015, p. 64).

As reflexões apresentadas destacam as contribuições dos pressupostos teórico-metodológicos da documentação narrativa de experiência pedagógica, articuladas com a abordagem (auto)biográfica no campo educacional, buscando indicar caminhos teórico-metodológicos viáveis à escuta e compreensão da dinâmica da vida pessoal e profissional de docentes em diferentes tempos e espaços formativos, permeados de significações produzidas pelos sujeitos ao longo de suas vidas e, por meio da narratividade de suas experiências, compreender como esses sujeitos “atribuem sentido ao curso da sua vida, no percurso de sua formação humana, no decurso da sua história” (PASSEGGI, 2010, p.112).

É pertinente dizer que os princípios epistemológicos e metodológicos da abordagem (auto)biográfica, bem como da documentação narrativa, tal como temos estudado no espaço do Grupo de Pesquisa Docência, Narrativa e Diversidade na Educação Básica/DIVERSO, no Programa de Pós-Graduação e Educação em

Contemporaneidade/PPGEDuC, na Universidade do Estado da Bahia/UNEB- Campus I, têm nos permitido compreender e discutir sobre as dimensões da vida e da profissão docente, “as políticas de formação docente, diversidade e práticas desenvolvidas nas escolas públicas, buscando estabelecer um diálogo entre os atores/atrizes e autores(as) que produzem a docência na Educação Básica”(Rios, 2015,p.9), atestando que o lugar da profissão se constitui dos processos formativos, históricos, biográficos e sociais da docência (RIOS, 2015), que somos, portanto, constituídos em um intenso e dialético processo de subjetivação, e na alteridade, ao longo de nossa existência.

Além disso, é coerente destacar que esta escrita se desdobra em um recorte de pesquisa alicerçada na abordagem (auto)biográfica em andamento, a qual busca investigar como se constituem a trajetória de formação-profissão e as práticas educativas na abordagem intercultural de professores(as) de Língua Portuguesa que atuam na Educação Básica, com o objetivo de compreender práticas educativas na abordagem intercultural presentes no cotidiano da escola pública. Tal abordagem propõe romper com o caráter homogeneizador e concebe as diferenças e as culturas como constitutivas na dinâmica das inter-relações cotidianas, como moventes, dinâmicas e históricas. Nesta perspectiva, consideramos que essas categorias são intrínsecas às práticas educativas, pois permeiam nossas vidas, sendo assim, estão no “chão da escola” (CANDAUI, 2011 ).

Desse modo, a investigação é relevante para pensarmos como as diferenças são materializadas no cotidiano da sala de aula, a partir das práticas educativas de docentes de Língua Portuguesa que desenvolvem a docência na Educação Básica. Pois, corroboro com Gatti (2015)<sup>1</sup> quando diz que “a chave para o desenvolvimento pleno da capacidade humana está nos processos educativos, portanto, é preciso romper com o paradigma ‘cientificista’, sair do mundo das abstrações, das teorias, e ir para as práticas”.

Neste caminhar, as discussões estarão alicerçadas em Daniel Suárez (2002, 2005, 2010, 2011, 2015), ao indicar que a documentação narrativa de experiência pedagógica põe

---

<sup>1</sup> Fragmento do discurso oral proferido por Bernadete Gatti durante a Conferência de Abertura do II Colóquio Docência e Diversidade na Educação Básica, cujo título foi Políticas Educacionais na Educação Básica: desafios para as práticas e para a formação docente, em 19/05/2015, realizado pelo Grupo de Pesquisa Docência Narrativa e Diversidade na Educação Básica/DIVERSO- coordenado pela Profa. Dra. Jane Rios, na Universidade Estadual da Bahia/UNEB-Campus I, Salvador/Bahia.

em tensão e crítica as modalidades dominantes de pensar, nomear e fazer educação. Também em Passeggi (2010), Delory-Momber (2008, 2012), Nóvoa (1992, 2012, 2014), entre outros, por estes autores apontarem que a abordagem (auto)biográfica pode nos auxiliar na compreensão das histórias, memórias institucionais e formadoras dos sujeitos em seus contextos, em especial de docentes de Língua Portuguesa, na medida em que revelam práticas individuais que se inscrevem na densidade da história. Por fim, para tratar das categorias cultura e diferença, as considerações serão norteadas pela abordagem intercultural - uma vertente do multiculturalismo, estando apoiadas em Silva (2013) e Hall (1997), e, sobre as diferenças culturais, seguirão pelas considerações de Candau (2011). Além disso, as discussões terão inspiração na perspectiva linguística backthiana, com ênfase em educação, e as considerações de Rios (2011, 2015).

O texto está organizado da seguinte forma: primeiro, discute sobre os princípios teórico-metodológicos da documentação narrativa e da abordagem (auto)biográfica; a seguir, demarca as contribuições da documentação narrativa como dispositivo de coleta de informações na perspectiva (auto)biográfica, particularmente em pesquisa que trata das diferenças na abordagem intercultural em educação; por fim, reflete acerca das potencialidades desse dispositivo metodológico à formação de professores(as) da educação básica.

## **DOCUMENTAÇÃO NARRATIVA E PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA: CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS**

Pensar a documentação narrativa de experiência pedagógica, partimos do pressuposto de que a perspectiva do(a) colaborador(a) se revela melhor por meio de um processo de partilha de conhecimentos e experiências com outros colaboradores, envolvendo-o(a) numa combinação de movimentos de trabalhos solitário e colaborativo, recorrendo a versões sucessivas de relatos de experiência pedagógica que articula e dá sentido aos elementos de sua própria experiência, num exercício reflexivo de leitura, de conversa e de “interpretações pedagógicas” com outros colegas docentes (SUÁREZ; DÁVILA, 2012, p.358).

À vista disso, na perspectiva da pesquisa (auto)biográfica, esse dispositivo metodológico deverá promover um processo de colaboração mútua entre os pares, mas, sobretudo, dar um lugar de destaque ao processo de narrativa do sujeito, para apreender e compreender justamente “a configuração singular de fatos, de situações, de relacionamentos, de significações, de interpretações que cada um dá à sua própria existência”.

O sentimento que tem de si próprio como ser “singular” surge na medida em que os acontecimentos narrados se tornam relevantes e porque eles correspondem à historicidade e subjetividade dos sujeitos em suas itinerâncias e formação. Trata-se de “uma singularidade atravessada, informada pelo social, no sentido em que o social lhe dá seu quadro e seus materiais” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.524).

A documentação narrativa, pensada por Suárez (2010), é uma estratégia de trabalho colaborativo entre docentes e investigadores que tem como princípio investir política e pedagogicamente em um território construído pelas práticas, saberes, poderes e sujeitos pondo em evidência os significados da experiência educativa. Nessa concepção, ela possibilita gerar processos individuais e colaborativos de formação docente através de “indagações qualitativas do mundo escolar”.

Como dispositivo metodológico, ela compreende uma série de “orientações” a serem observadas para sua concretização. Quais são as seguintes: a) Geração e garantia de espaços para que docentes possam mergulhar e viver o processo da documentação narrativa de experiências pedagógicas, de preferência em seu *espaçotempo* de trabalho, na escola; b) Negociação e escolha dos temas e/ou experiências a serem narradas; c) Escrita e (re)escrita dos textos, através de processos de leitura e discussões colaborativas (duplas formadas para comentarem os textos entre si, durante o processo de produção até que este seja considerado publicável); d) Edição e revisão dos relatos produzidos, por meio de leituras e releituras próprias e de outros colaboradores, individuais ou coletivas, interpretação e compreensão, reflexões pedagógicas sobre as experiências narradas com consecutiva elaboração e comunicação “*al docente autor de observaciones, preguntas, sugerencias y comentarios*”, escritos e orais, individuais e colaborativos, sobre o relato pedagógico em questão (SUÁREZ, 2007, p. 94, apud SAMPAIO et all, 2014, p.2).

Nesse sentido, os princípios norteadores dessa metodologia estão articulados ao desafio de se pensar em possibilidades de processos formativos nos quais os professores e professoras sejam compreendidos(as) como autores(as) de seus saberes e fazeres. Quais sejam esses princípios: I) os(as) docentes autores(as) são também investigadores narrativos de suas experiências pedagógicas, pois, além de “dispositivo formativo”, a documentação é uma modalidade de investigação e indagação narrativa; II) o processo de negociação precisa acompanhar todo o movimento da documentação narrativa de experiências pedagógicas e não apenas a escolha/definição do tema, a fim de garantir horizontalidade ao processo vivido. As revisões, reescritas e decisões a respeito de cada texto é negociada, acordada e tomada a cabo considerando a opinião/decisão de seu autor e sua autora.

Desse modo, as contribuições teórico-metodológicas da documentação narrativa de experiência pedagógica são evidentes e relevantes na pesquisa em educação, visto que tal dispositivo se constitui em uma ação de investigação, de formação e de indagações pedagógicas orientadas a questionar o “mundo escolar”, a partir da fala de quem o vive, por meio de relatos escritos pelos próprios professores e professoras, os quais devem ser produzidos e discutidos no espaço em comum, neste caso, no espaço da escola pública, no contexto da Educação Básica.

Acerca das pesquisas (auto)biográficas, Passeggi (2010) indica que estas são guiadas pelo desejo de se considerar o que a pessoa pensa sobre si e sobre o mundo, como ela dá sentido as suas ações e consciência de sua historicidade. A autora aponta três princípios que guiam as investigações, os quais são: 1) Colocar em cena a construção da realidade pelo sujeito (as representações construídas na interação humana em função de sua percepção e de uma situação social); 2) Focalizar a linguagem como elemento mediador da realidade e o trabalho de interpretação do sujeito sobre os fatos, no processo da textualização de sua vida; 3) Acreditar na capacidade reflexiva do ser humano sobre si mesmo.

Isso nos permite compreender que a “realidade” passa pela mediação dos sistemas simbólicos, constitutivos do imaginário social, que é subjetivado pelo sujeito. Por consequência, tal abordagem explora o entrelaçamento entre “linguagem, pensamento e práxis social”, com o interesse garantir condições ideais do retorno de si mesmo, para que o

trabalho de “autobiografar-se” exerça a ação de reversibilidade sobre o pensamento de quem narra, transformando as representações anteriores de si e do mundo da vida (IDEM).

Essa ação regressiva e progressiva é o que permite falar de “si mesmo” como um “eu refletido”, reinventado pela ação da linguagem,[ ] mediante o uso de instrumentos semióticos (*grafias*), o eu (*autos*) toma consciência de si e ressignifica a vida (*bios*) para nascer de novo: autopoiese. (PASSEGGI, 2010, p.116)

Sob essa perspectiva, a abordagem (auto)biográfica se estrutura na forma de uma pesquisa qualitativa, de perspectiva interpretativa fundamentada nos princípios da descoberta e valorização da pessoa em sua singularidade (LOC. CIT.).

Diante de tais potencialidades, concluímos que a documentação narrativa de experiência pedagógica utilizada como dispositivo de coleta de informações, alicerçada na abordagem de pesquisa (auto)biográfica, excede a escrita individual e solitária dos docentes, na medida em que sempre supõe a construção de um coletivo de docentes autores de relatos pedagógicos, colocando em evidência a partilha, a fala, o pensamento e a discussão coletiva de saberes e fazeres socializados por meio dos relatos produzidos por professores e professoras (SUÁREZ, 2011, 2015). Além disso, coloca no centro do debate o professor no seu habitat natural, sua subjetividade, dúvidas e certezas, experiências pessoais e profissionais, as culturas, as ações, o modo de pensar, de estar e de fazer a docência.

Assim, torna-se uma prática de formação-investigação-ação pedagógica compartilhada, horizontal, orientada a desestabilizar e construir a compreensão pedagógica dos docentes que narram, a partir de diálogos, acordos e alteridade.

## **DISPOSITIVO METODOLÓGICO E CONTRIBUIÇÕES NA PESQUISA**

Sob a perspectiva da pesquisa (auto)biográfica, esse dispositivo metodológico se constitui uma forma de investigação pedagógica de professores e promove contribuições à pesquisa em educação. Quais sejam elas: a produção participativa de conhecimentos pedagógicos, do social, do individual, do coletivo, da formação, do cultural, da subjetivação dos docentes participantes e sua intervenção discursiva no debate público e formação especializada sobre educação; a promoção e o desvelar de experiências constitutivas de

processos de individualização e identitários, mediante o exercício colaborativo, dialógico, da escuta e de disposições da “exterioridade social e interioridade pessoal” (MOMBERGER, 2012, p.526). Seu potencial se evidencia, particularmente, em reconhecer o modo como cada pessoa mobiliza e dá significado às suas experiências.

Em razão disso, as contribuições teórico-metodológicas da documentação narrativa de experiência pedagógica como fonte de coleta de dados serão significativas nesta pesquisa qualitativa, a qual busca compreender como se constituem as práticas educativas na abordagem intercultural de professores de Língua Portuguesa que atuam na Educação, em escola pública.

Tal abordagem propõe romper com o caráter homogeneizador e concebe as diferenças e as culturas como constitutivas na dinâmica das inter-relações cotidianas, como moventes, dinâmicas e históricas. Ela questiona “as diferenças e desigualdades construídas ao longo da história entre diferentes grupos sociais” (CANDAU, 2011, p.244). Essa compreensão me leva a pensar em “educação intercultural”, particularmente no ensino de Língua Portuguesa no contexto da Educação Básica.

Nessa perspectiva, entendo diferença como uma construção social e discursiva, à medida que ela surge como resultado de um “processo de produção simbólica” (RIOS, 2011, p. 141), por meio da linguagem, na alteridade. Também que as diferenças não estão simplesmente definidas; “elas são impostas” (SILVA, 2013, p.74). Isso implica dizer que a diferença só faz sentido quando relacionada a uma cadeia de significação em oposição a outro elemento. Ela faz parte das culturas.

Nesse caminhar, compreendo com Hall (1997) que “as culturas” são eminentemente interpretativas, constitutivas do nosso modo de ser, de viver de compreender o mundo. Ela “regula” (Idem) nossas condutas, ações sociais e práticas, e a maneira como agimos no âmbito das instituições e na sociedade.

Se a cultura “regula” nossas práticas sociais, ela é, então, intrínseca ao contexto escolar. Por conseguinte, o discurso, a cultura e prática se articulam um no outro, em uma dada sociedade, na alteridade.

Nessa compreensão, considero que diferenças e culturas são intrínsecas às práticas educativas, e que são construções discursivas. Por isso, elas não podem ser vistas como algo secundário no contexto escolar, particularmente no ensino de Língua portuguesa, no

contexto da escola pública, na Educação Básica, já que fazem parte do cotidiano de alunos/alunas e professores/professoras, e de toda a comunidade escolar.

Diante disso, o contexto educativo contemporâneo exige dos professores e professoras a adoção de ações, reflexões e práticas educativas que estejam imbricadas na formação cidadã, na participação efetiva e com criticidade de alunos e alunas, no respeito ao hibridismo cultural, às identidades e, principalmente, às diferenças – étnico-racial, de gênero, de sexualidade, religiosa, entre outras existentes na sociedade contemporânea, presentes na cotidianidade escolar.

Isso evidencia a necessidade e a importância de o docente adotar ações voltadas para uma abordagem intercultural, a qual, segundo Candau (2011), propõe a construção de uma sociedade que assuma as diferenças como constitutivas e democráticas e seja capaz de construir relações novas, verdadeiramente igualitárias entre diferentes grupos socioculturais, o que supõe empoderar àqueles que foram historicamente inferiorizados. O desafio posto é, portanto, a busca pela convivência entre os diferentes, o respeito à diversidade, romper com os discursos ainda presentes nas escolas que marcam a homogeneidade, a uniformização (IDEM).

Se pensarmos que as culturas dependem da forma como são definidas, de igual modo, que nossas ações serão determinadas, em parte, segundo a posição que tomamos com respeito à definição que damos a tudo que nos passa, que nos cerca, que nos envolve no cotidiano de nossa existência, entenderemos que nossas ações dependem e são relevantes para os significados. Do mesmo modo, compreenderemos que discurso e prática estão carregados de significados.

Neste sentido, o valor significativo da documentação narrativa de experiência pedagógica, como dispositivo de coleta de informações, vem da possibilidade de termos acesso a uma multiplicidade de história, de discurso narrativo carregado de significados atribuídos pelo ator/atriz/autor/autora/ narrador/narradora protagonista sobre as suas próprias experiências ao longo de suas vidas. O processo da narratividade permitirá ao docente ter um olhar aguçado sobre a sua história de vida-formação-profissão, a escuta e a compreensão de marcas da trajetória de sua vida, que constituem suas subjetividade e identidades.



Assim, a narrativa desvelará as concepções, certezas e dúvidas, as culturas e as inquietações comuns aos docentes, pertinente ao cenário da pesquisa; legitimará saberes, processos pedagógicos vividos no cotidiano da escola e tornará público experiências. Sobretudo, possibilitará fazer uma análise de maneira integral do indivíduo, compreendo-o como ser individual e social, que se constrói nas inter-relações na dialética do cotidiano da vida.

Desta forma, a investigação, seus resultados e a reflexão facilitarão a crítica e a compreensão de processos educacionais, enfim, das práticas pedagógicas que chegam ao “chão da escola” pública no contexto da Educação Básica, à medida que propiciará a apreensão e conhecimento da realidade acerca de técnicas para a coleta de informações que a pesquisa (auto)biográfica nos apresenta.

### **As potencialidades à formação de professores(as) da educação básica**

Vivemos numa sociedade que nos interpela a olhar de outra forma o hibridismo cultural e as diferenças. O contexto escolar evidencia que as diferenças se explicitam cada vez com maior força e desafiam visões e práticas profundamente arraigadas. Portanto, a questão fulcral que se coloca diante do contexto sociocultural contemporâneo, particularmente no cotidiano escolar, é a necessidade de outra perspectiva de formação, que mobilize outros tipos de saberes críticos, reflexivos e históricos, capazes de implicar as pessoas e tornar esse movimento formador e emancipador para a pessoa e para a sociedade.

Falemos então em processos de formação, compreendendo que nos formamos por meio das experiências, dos contextos e dos acontecimentos que nos acompanham ao longo da nossa existência (NÓVOA, 2014, p.159). Além disso, entendendo que as vivências e os contextos sociais, culturais e institucionais em que se constituíram nossa história de vida e as experiências profissionais são fundamentais para se perceber o processo de formação docente.

A “formação é sempre um processo de mudança institucional, devendo por isso estar intimamente articulada com as instituições onde os formandos exercem a sua atividade profissional” (NÓVOA, 2014, p.173). Também, ela “é sempre um processo de

transformação individual, na tripla dimensão do saber (conhecimentos), do saber-fazer (capacidades) e do saber ser (atitude)” (IDEM, p.172).

Nesse sentido, no contexto dessa pesquisa, “Mais importante do que pensar em *formar*” o professor ou a professora é necessário refletir sobre o modo como o(a) docente da Educação Básica “se apropria do seu patrimônio vivencial por meio de uma dinâmica de ‘compreensão retrospectiva’.” (LOC. CIT.)

O movimento do processo formativo coaduna a proposta da documentação narrativa como dispositivo de formação. Sobre este dispositivo, Suárez (2010, 2015, 2007 apud Sampaio all, 2014) nos indica que ele possibilita a elaboração de relatos de experiências por parte dos docentes que “co-indagam” suas práticas e suas interpretações pedagógicas. De modo que sua metodologia se constitui uma “tecnologia pedagógica” porque ela tende a habilitar novas relações e práticas, a dirigir e a regular um conjunto de práticas de (re)textualização, interpretações e reflexões, individual e colaborativas, comentários e conversações, discussões e compreensão entre docentes.

Então, pensar a documentação narrativa de professores (as) da Educação Básica em pesquisas (auto)biográficas, na perspectiva da formação, em consonância com Suárez (Idem), é entendê-la como dispositivo propício para viabilizar diálogos entre pares, durante o desenvolvimento de atividades orientadas a desestabilizar e reconstruir as compreensões pedagógicas dos docentes que narram, visto que ela está referendada em experiências de formação horizontal e com os objetivos transformadores da tradição crítica.

Como dispositivo metodológico, ela se estrutura em estratégias de investigação qualitativa, envolvendo um conjunto de movimentos que possibilitará aos docentes uma interpretação e compreensão do mundo da profissão e do trabalho, da vida cotidiana escolar e das coisas que fazem, pensam e sentem para torná-las experiência vivida e reflexiva, até que ocorra uma indagação sobre a própria narrativa no marco de um conjunto de regulações metodológicas, técnicas e operacionais bastante específicas.

Desse modo, o envolvimento dos docentes, em especial dos professores e das professoras de Língua Portuguesa que atuam na Educação Básica em escola pública, nessa combinação de um conjunto de movimentos de trabalhos individual e colaborativo, com a produção de (re)leitura e (re)escrita, discussão e compreensão sobre os textos, nas modalidades escrita e oral, de relatos de experiências pedagógicas, que articula e dá sentido

aos elementos de sua experiência, colocá-los-á diante de habilidades e competências imprescindíveis ao ensino, à sua práxis pedagógica.

Ao mesmo tempo em que os levarão ao confronto de suas dúvidas, certezas, expectativas, e, em especial, à experiência com as diferenças culturais, as identidades múltiplas, à diversidade, assim à adoção de uma atitude de respeito ao outro, em uma dinâmica que envolve subjetividade, alteridade, experiência, ação e reflexividade.

Além disso, eles serão interpelados como produtores de saber pedagógico e como autores de documentos narrativos que promoverão a (re)criação da linguagem da pedagogia, logo os próprios docentes estarão colaborando para (re)construir os saberes, as palavras, as imagens e as experiências pedagógicas vividas, mediante as diversas estratégias de escrita e reescrita, “edición pedagógica”, publicação e circulação especializada de seus relatos.

Desse modo, aponta Suárez (2010), as práticas de “indagación narrativa” e seus resultados evidenciarão os relatos de experiências que documentarão aspectos “não documentados” de experiência escolar, ativando a memória pedagógica da escola. Assim, haverá a possibilidade de recriação das imagens e interpretações do mundo escolar e a disposição pública, ou seja, a circulação outras versões da história escolar. Tal processo permitirá que os professores(as) colaboradores(as) da pesquisa encontrem-se envolvidos em “outras formas de dizer, escrever, contar e pensar o que lhes acontece” (NÓVOA, 2003, apud SUÁREZ, 2010, p. 182).

Diante disso, a relevância desse dispositivo metodológico à formação se atribui as próprias experiências pedagógicas dos docentes envolvidos nesse processo, precisamente o potencial que o conteúdo conterà: os relatos pedagógicos. Nestes serão desenhados trajetos de formação docente centrados em questões pedagógicas e do mundo da experiência (SUÁREZ, 2005, 2010). A formação se processará mediante a “reflexão retroativa” sobre a aprendizagem (aquisição de técnicas e da capacidade para manipulá-las) e o conhecimento (integração de sistemas simbólicos: normas, ideologias, valores), tendo como consequência uma “tomada de consciência”, individual e coletiva (NÓVOA, 2014, p. 60).

É exatamente essa possibilidade da tomada de consciência de si como sujeito individual e social, de seu lugar e de sua responsabilidade como docente, de suas práticas e do modo como estas vêm sendo realizadas para efetivamente atingir os alunos e alunas da

escola pública, que fará da documentação narrativa de experiência pedagógica um potencial dispositivo à formação de professores e professoras da Educação Básica. As narrativas que eles farão de si darão “*forma* ao vivido e à experiência dos homens” e das mulheres, de tal maneira que a narrativa não será “apenas um meio, mas o lugar: a história da vida” acontecerá na narrativa que eles farão de si (DELORY-MOMBERGER,2008, p.56).

Ao serem interpelados pela linguagem, por meio da narratividade, os docentes envolvidos nessa pesquisa que se encontra em andamento compartilharão suas expectativas, dúvidas e certezas, desejos, valores, culturas, e documentarão aspectos, geralmente, não documentados acerca do cotidiano escolar, como por exemplo, suas práticas educativas, as opções político-teórico-metodológicas; ao tempo em que se desenvolverão os saberes desses docentes. Também, eles serão envolvidos em atividades de produção de textos, orais e escritos, de (re)leitura e interpretação de textos, de fala e de escuta atenta, individual e colaborativa, entre pares de docentes-sujeitos da pesquisa. Além disso, os participantes serão expostos a situações que lhes exigirão a adoção de atitudes de respeito às diferenças culturais: de gênero, de religião, de sexualidade, étnico-racial, entre outras, à diversidade, às diferenças tão presentes em diversos contextos socioculturais, logo estão no cotidiano escolar.

Este último se configurará uma justeza com a proposta da abordagem intercultural, a qual se propõe a promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre diferentes grupos socioculturais. Trata-se de uma educação para a negociação cultural, que enfrenta conflitos, provocados pela assimetria.

A opção por esta abordagem se dá ao entender que os problemas relacionados às questões das diferenças perpassam e se apresentam no cotidiano escolar (Candau, 2011), particularmente na escola pública, no contexto da Educação Básica. No que concerne à perspectiva da pesquisa (auto)biográfica, a escolha vem ao considerar que as práticas educativas estão carregadas de condições político-sociais institucionais, de modo que elas se imbricam às nossas experiências ao longo de nossa existência, as quais constituem nossas subjetividades e identidades. Por sua vez, entender Nóvoa (1992) quando diz que a maneira como ensinamos depende daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino, pois não há como separar a “pessoa-profissão”.

Desse modo, tornam-se evidentes as potencialidades desse dispositivo metodológico no processo de formação de professores e professoras de Língua Portuguesa, atuantes no segmento da Educação Básica.

Diante de tais potencialidades, optei pela documentação narrativa de experiência pedagógica como dispositivo para coleta de informações, nessa pesquisa alicerçada nos princípios teórico-epistemológicos da (auto)biografia, a qual buscará por meio da narratividade ter acesso a materialização das práticas educativas na abordagem intercultural de professores e professoras de Língua Portuguesa que atuam na Educação Básica em rede pública de ensino, na Bahia.

## **CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS**

Como espaços sociais densamente significativos, a escola está cercada por discursos, práticas e teorias, permeadas pelas culturas e pela diversidade. Pressupor que o reconhecimento da questão das diferenças culturais na educação escolar é algo inerente a esse contexto, permite-nos pensar que a diferença é constitutiva da ação educativa. Nessa compreensão, concordo com Candau (2011) ao apontar em suas pesquisas que as diferenças culturais se encontram na base dos processos educativos, e que, entretanto, necessitam ser reveladas e valorizadas. Trata-se de dilatar nossa capacidade para assumi-las e trabalhá-las. Este, então, é um desafio que a investigação empreita enfrentar, ciente da sua complexidade.

Outro desafio, considerando a investigação que põe em evidencia o lugar da docência e de sua prática no contexto contemporâneo, nos parece ser dispor de um olhar, uma escuta sensível e atenta, de respeito ao que nos dizem as narrativas docentes de experiências pedagógicas, visto que estas poderão mostrar e explicar ações e eventos humanos que acontecem em nosso entorno. Os quais, e por meio delas, criamos mundos que a cultura nos oferece, que se desenvolve na alteridade, em contextos socioculturais. Elas nos darão uma dimensão e uma temporalidade humana e seu sentido histórico.

Dessa forma, consciente desses desafios, optei pela documentação narrativa de experiência pedagógica como dispositivo de coleta de informação por considerar sua relevância nas pesquisas (auto)biográficas. Em especial por entender que através do

processo da narratividade os docentes da escola Pública terão a oportunidade de olhar para si e falar de si, envolver-se em um movimento de “reflexão retroativa” (Nóvoa, 2014) e compreender-se como sujeito “individual e social” (Delory-Momberger, 2008), “num processo colaborativo entre pares” (SUÁREZ, ), a partir do uso de instrumentos semióticos (*grafias*), o eu (*autos*) e a vida (*bios*) (PASSEGI, 2010).

Ao tempo em que, ao serem interpelados como sujeitos da linguagem, e promotores do conhecimento sobre esta, portadores e produtores de culturas, sujeitos de experiências, conhecimentos e sentidos, no processo da narratividade, esses professores e professoras/docentes da Educação Básica poderão se compreender sujeito em seus processos de vida-formação-profissão.

Considerando que a pesquisa se encontra em fase de construção, conhecer essa realidade se torna o primeiro desafio.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahat, 2005.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras de indivíduo e projeto**. Prefácio Pierre Dominicé. Tradução: Maria Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi. Natal: RN: EDFRN, São Paulo: Paulus, 2008. (Pesquisa (auto)biográfica).

\_\_\_\_\_. Abordagem metodológica na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira em Educação**, DEZ 2012, vl. 17, no. 51, p.523-3536. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n51/02.pdf>> Acesso em: 16.07.2013

CANDAU, Vera Maria Ferão. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, v.11, no.2, pp.240-255, jul/dez 2011.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, vol. 22, 1997: 15-46.

NÓVOA, Antonio. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, Antonio. (Org.) **Vida de professores**. Portugal, Porto Editora, 1992.

\_\_\_\_\_; FINGER, Mathias. (Orgs.) O método (auto)biográfico e a formação. Tradução: Maria Nóvoa, 2ª edição, Natal: RN: EDUFRN, 2014. (Coleção pesquisa (auto)biográfica e educação).

\_\_\_\_\_. **Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és. E vice-versa.** In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento. 12ª. Edição. Capinas: São Paulo: Papyrus, 2012. (Coleção Práxis – 4ª reimpressão, 2015).

PASSEGGI, Maria da Conceição. “Narrar é humano! Autobiografia é um processo civilizatório”. In: Passeggi, Maria da Conceição e SILVA, Vivian Batista da. **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p.103-130.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. (Org.) **Docência na Educação Básica.** Salvador: EDUNEB, 2015.

\_\_\_\_\_. **Ser e não ser, eis a questão! Identidades e discurso na escola.** Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Orgs.) **Identidades e diferenças: perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos Cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva interpretativa e política de sentido. **Revista Educação UFSM**, Santa Maria, v. 39, no. 1, p. 85-104, jan./abr.2014.

SUÁREZ, Daniel. **Documentación Narrativa de Experiencias Pedagógicas: indagación-formación-acción entre docentes.** In: PASSEGGI, Maria da Conceição e SILVA, Vivian Batista da. **Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. -181-204.

\_\_\_\_\_. **Documentación narrativa e investigación-formación-acción en educación.** In: SOUZA, Elizeu Clementino. (Org.) (Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa formação. Salvador: EDUFBA, 2015, p.63-85.

\_\_\_\_\_; DÁVILA, Paula Valeria. **Documentación narrativa de experiencias pedagógicas: uma modalidade de investigación interpretativa y estrategia de formación de docentes.** In: SOUZA, E. C. de. (Org.) Educação e ruralidades: memórias e narrativas (auto)biográficas. Salvador: EDUFBA, 2002.

\_\_\_\_\_. Relatos de experiencia, saber pedagógico y reconstrucción de la memoria escolar. **Educación em Revista.** Belo Horizonte, v.27, n.01, p.387-416, abr. 2011, p. 386- 416. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v27n1/v27n1a18.pdf>> Acesso: 17. 07.2015, às 17:25:02.

\_\_\_\_\_. Docentes, narrativa e investigación educativa. La documentación narrativa de las practicas docentes y la indagación pedagógica del mundo y las experiencias escolares. In: SVERDLINK, I. et all. La investigación educativa. Una herramienta de conocimiento y

de acción. Buenos Aires. Noveduc, 2007. In: SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; CASTILHO, Flávia F. de. Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas: saberes docentes em diálogos de formação de professores. **ANPED, Sudeste, 2014**. Disponível em: <<https://anpedsudeste2014.files.wordpress.com/2015/05/tiago-ribeiro-flc3a1via-castilho-carmen-sanches-sampaio.pdf>>. Acessado em 18.03.2016, às 21:13:02.

\_\_\_\_\_. **La documentación narrativa de experiencias pedagógicas**. Uma estratégia para la formación de docentes. Buenos Aires, 2005. Documento disponível em <<https://www.unrc.edu.ar/unrc/academica/pdf/libro-narrac1.pdf>> . Acesso em: 14.03.2016, às 20:53:00.